



FOLHA DOMINICAL

Domingo VII do Tempo Comum

Primeira Leitura (1Sm 26, 2.7-9.12-13.22-23)

Naqueles dias, Saul, rei de Israel, pôs-se a caminho e desceu ao deserto de Zif com três mil homens escolhidos de Israel, para irem em busca de David no deserto. David e Abisaí penetraram de noite no meio das tropas: Saul estava deitado a dormir no acampamento, com a lança cravada na terra à sua cabeceira; Abner e a sua gente dormia à volta dele. Então Abisaí disse a David: «Deus entregou-te hoje nas mãos o teu inimigo. Deixa que de um só golpe eu o crave na terra com a sua lança e não terei de o atingir segunda vez». Mas David respondeu a Abisaí: «Não o mates. Quem poderia estender a mão contra o ungido do Senhor e ficar impune?». David levou da cabeceira de Saul a lança e o cantil e os dois foram-se embora. Ninguém viu, ninguém soube, ninguém acordou. Todos dormiam, por causa do sono profundo que o Senhor tinha feito cair sobre eles. David passou ao lado oposto e ficou ao longe, no cimo do monte, de sorte que uma grande distância os separava. Então David exclamou: «Aqui está a lança do rei. Um dos servos venha buscá-la. O Senhor retribuirá a cada um segundo a sua justiça e fidelidade. Ele entregou-te hoje nas minhas mãos e eu não quis atentar contra o ungido do Senhor».

Este episódio insere-se no relato da perseguição a David que, por inveja, foi levada a cabo por Saul, o primeiro rei de Israel. Embora, em 1 Samuel, seja inicialmente apresentado como um libertador escolhido por Deus, a sua figura vai sendo progressivamente denegrida, ao mesmo tempo que se reforça a de David como protótipo do rei ideal. A cena descreve como David, apesar de ter o seu inimigo ao alcance, lhe poupa a vida sem lhe causar qualquer dano. Este gesto é narrado duas vezes (cf. 1 Sm 24,1-23), o que indica a sua importância na tradição bíblica. O episódio está carregado de tensão desde o início, contrastando os três mil homens de Saul com os seiscentos que acompanhavam David. Não são indicados os motivos da sua incursão no acampamento inimigo, mas é enaltecido o seu comportamento irrepreensível. Mais do que uma possível reconciliação com Saul, o texto centra-se na atitude de David e no respeito reverencial que manifesta pelo «ungido do Senhor», expressão que designa o rei legítimo de Israel. A atitude compassiva de David apresenta-se como um reflexo da misericórdia de Deus, cantada no Salmo 102, um hino de ação de graças no qual o orante, num movimento de introspeção, se convida a si mesmo a bendizer a Deus. Assim, exprime o seu compromisso e o envolvimento total da sua pessoa na oração. Reconhece que a misericórdia de Deus é profunda, generosa e duradoura. O seu louvor nasce de uma experiência pessoal, possivelmente uma cura, mas alarga-se a outras experiências humanas, incluindo o reconhecimento de todos os benefícios recebidos.

Segunda Leitura (1 Cor 15, 45-49)

Irmãos: O primeiro homem, Adão, foi criado como um ser vivo; o último Adão tornou-se um espírito que dá vida. O primeiro não foi o espiritual, mas o natural; depois é que veio o espiritual. O primeiro homem, tirado da terra, é terreno; o segundo homem veio do Céu. O homem que veio da terra é o modelo dos homens terrenos; o homem que veio do Céu é o modelo dos homens celestes. E assim como trouxemos em nós a imagem do homem terreno, traremos também em nós a imagem do homem celeste.

Esta passagem faz parte do discurso de Paulo sobre a ressurreição dos mortos. Relaciona-se com o versículo anterior, onde ele afirma a existência de dois tipos de corpos: o «corpo natural» e o «corpo espiritual» (1Cor 15,44). Com isto, reconhece a participação do corpo na ressurreição e a sua transformação. Baseando-se na Escritura, desenvolve esta afirmação e aprofunda o seu conteúdo. Começa por adaptar a passagem de Génesis 2,7 («o homem tornou-se um ser vivo»), acrescentando o adjetivo «primeiro» e identificando esse homem com Adão. A comparação entre o «primeiro homem» e o «último Adão» evoca a que, noutras trechos, Paulo estabelece entre Adão e Cristo. É a Cristo que ele define como «espírito vivificante». Este paralelismo aprofunda a relação entre os dois tipos de corpos. Não se trata de uma oposição entre um e outro, mas sim de uma distinção cronológica. O «corpo espiritual» surge em último lugar, colocando todo o processo ao serviço da ideia de transformação. A ressurreição de Cristo é compreendida, por sua vez, como o início de uma vida corporal em referência ao Espírito. A frase final explicita a relação entre o terreno e o celeste, duas realidades que são mencionadas ao longo do texto. Os «terrenos» participaram da condição do «terreno»; os «celestiais» partilharão a vida daquele que, pela sua ressurreição, se tornou princípio de vida para todos.

Evangelho (Lc 6, 27-38)

Naquele tempo, Jesus falou aos seus discípulos, dizendo: «Digo-vos a vós que Me escutais: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, abençoai os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos injuriaram. A quem te bater numa face, apresenta-lhe também a outra; e a quem te levar a capa, deixa-lhe também a túnica. Dá a todo aquele que te pedir e ao que levar o que é teu, não o reclames. Como quereis que os outros vos façam, fazei-lho vós também. Se amais aqueles que vos amam, que agradecimento mereceis? Também os pecadores amam aqueles que os amam. Se fazeis bem aos que vos fazem bem, que agradecimento mereceis? Também os pecadores fazem o mesmo. E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que agradecimento mereceis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, a fim de receberem outro tanto. Vós, porém, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem nada esperar em troca. Então será grande a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, que é bom até para os ingratos e os maus. Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis e não sereis julgados. Não condeneis e não sereis

condenados. Perdoai e sereis perdoados. Dai e dar-se-vos-ão no regaço uma boa medida, calcada, sacudida, a transbordar. A medida que usardes com os outros será usada também convosco».

O texto situa-se logo após as *bem-aventuranças*. Apresenta uma atualização do seu significado e revela o comportamento esperado daqueles que acolheram a chegada do Reino. Exige deles uma mudança de perspetiva e de valores perante a vida, uma mudança que deve estar centrada na prática do amor. Sublinha-se também o tema da partilha dos bens e da relação com as riquezas, que dá unidade às diversas exortações proclamadas neste trecho. O amor surge, em primeiro lugar, como resposta à perseguição mencionada em Lucas 6,22. Aos discípulos é pedido que invertam a situação para romper o ciclo da vingança, que apenas gera mais vingança e repressão. A regra de ouro do versículo 31 é interpretada nos versículos 32-36. Não se trata apenas de exercer uma ética da reciprocidade; é uma exigência de amor gratuito, pois encontra a sua motivação mais profunda na própria essência de Deus. A bondade do Pai para com todos desmonta qualquer cálculo interesseiro e remete para um amor sem limites nem condições prévias. Na mentalidade da época, apenas quem recebia um benefício estava obrigado a retribuí-lo. Em contraste com essa forma de agir, baseada na obrigação, destaca-se aqui a natureza ativa do amor, que implica dar sem esperar retribuição. Além da dinâmica da partilha dos bens, há uma forte ênfase na misericórdia, pois é assim que Deus age.

Deus nas letras humanas

Se tanto me dói que as coisas passem
É porque cada instante em mim foi vivo
Na busca de um bem definitivo
Em que as coisas de Amor se eternizassem.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Avisos Paroquiais | 23 de fevereiro a 2 de março

23 | VII Domingo do Tempo comum

25 | Reunião com a equipa de liturgia | 21:30

26 | Reunião com o Conselho Económico Paroquial | 21:30

27 | Encontro com o pais dos adolescentes que frequentam o terceiro ciclo (9º e 10º ano da catequese) | 21:30

28 | Início do retiro da pastoral juvenil | 21:00

02 | VIII Domingo do Tempo comum